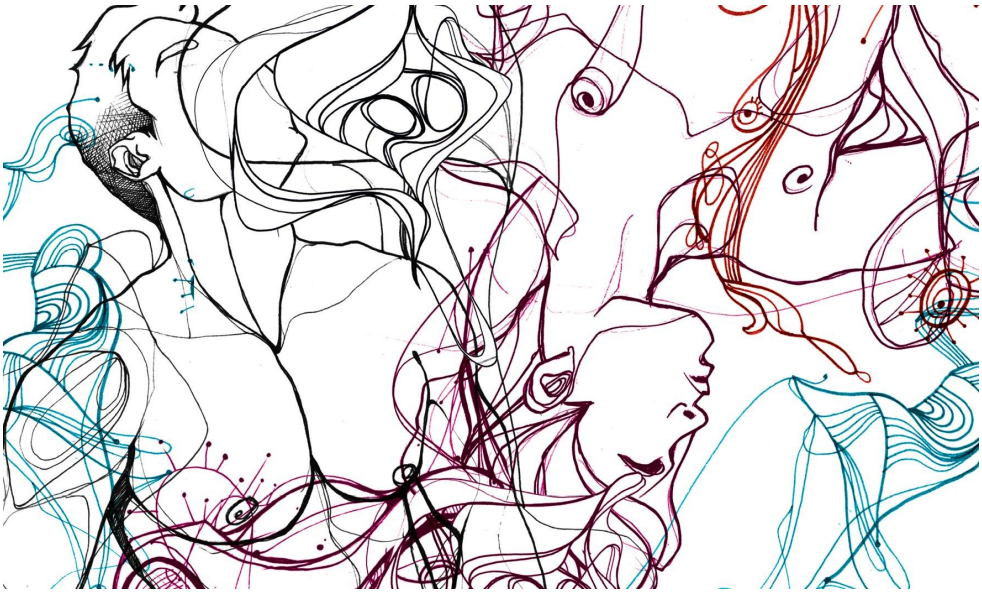
A Construção de Gênero pela Indumentária: as roupas e os travestis.

Davi Sombra Montenegro*

Desde criança nos condicionados a acreditar que calças são para meninos e saias são exclusivas para meninas. Os extravagantes trajes usados por reis como Luis XIV não podem ser cogitados por um homem do século XXI. A diferenciação entre a indumentária masculina e feminina não era prioridade até a Idade Medieval. Dos egípcios aos gregos, ela não sofria grandes alterações quanto ao sexo. Foi do início da Idade Média até o seu final, que podemos perceber diferenciações entre os trajes dos homens e os trajes das mulheres. Desde então, a sociedade continuou incrementando tais formas de distinção até chegarmos ao que hoje consideramos roupa feminina e roupa masculina.



http://nenhumadasanteriores.files.wordpress.com/2009/06/diversidade_sexual_imagem.jpg <acesso em: 10 mai. 2010.>

* Graduando do Curso de Estilismo e Moda da Universidade Federal do Ceará.
Orientadora: Profª Drª. Francisca Raimunda Nogueira Mendes - Curso de Estilismo e Moda da Universidade Federal do Ceará.

Discussões sobre as origens e as causas dessa diferenciação são muitas, porém, o que importa é que nossa sociedade condicionou-se muito bem a dividir os gêneros visualmente. Ao nos apresentarmos para nosso grupo estamos carregados de símbolos e é através da roupa que causamos uma primeira impressão ou transmitimos aquilo que pretendemos aparentar. Ela não é só um diferenciador social, é antes de tudo a forma pela qual desejamos ser vistos e agrupados.

Se a roupa é responsável por traduzir quem somos, é muito simples interpretarmos a identidade que acharmos conveniente e sermos o que quisermos: basta mudar a roupa e seríamos quem desejássemos. Com certeza, o maior exemplo dessa apropriação de persona é a figura do travesti. Afinal, se o gênero está tão bem dividido pela indumentária bastaria um homem vestir “roupas femininas” para adotar a identidade feminina e uma mulher vestir “roupas masculinas” para apropriar-se dessa condição.

Se levarmos em consideração essa idéia, parecerá que a sociedade funciona de forma muito simples quanto à condição de gênero, mas não é isso que percebemos ao chegarmos mais perto do quanto essa transformação ou “apropriação” pode ser complexa e dolorosa para pessoas que identificam sua condição de gênero como algo além do fisiológico ou das conveniências de nossa formação social.

http://www.inclusaosocial.com/userfiles/genero.jpg
<acesso em: 10 mai. 2010.>

Tomamos como travesti o indivíduo do sexo masculino que adquire características físicas do feminino através de intervenções cirúrgicas e hormônios, e que se veste e se porta de modo semelhante ao indivíduo do sexo feminino cultivando essa imagem cotidianamente. A idéia de moda como diferenciação social e estipulação dos estereótipos são base para a compreensão da expressão visual da travesti.

> *moda é conjunto atualizável dos modos de visibilidade que seres humanos assumem em se vestir com o intuito de gerenciar a aparência, mantendo-a ou alterando-a por meio de seus próprios corpos, dos adornos adicionados a eles e da atitude que integram ambos pela gestualidade, de forma a produzir sentido e assim interagir com o outro.* GARCIA E MIRANDA (2005: 18).

Para constituição da imagem feminina, as travestis, num primeiro momento, experimentam sobre seus corpos o vestuário e acessórios femininos e se utilizam de hormônios femininos que começam a reestruturar os seus corpos. Nestas circunstâncias, qualquer característica do sexo oposto é potencializada ao máximo para que se sobreponha à característica do sexo anterior. Todos os elementos tidos como representativos são absorvidos de forma a criarem sobre o corpo "original" o corpo que se pretende e que é reconhecido pela travesti como próprio de si.

Uma vez que a roupa se define como tal a partir do corpo que a utiliza, esse conjunto gera a aparência. Ou seja, a roupa é instrumento crucial para essa transformação, uma vez que em nossa sociedade a figura dos sexos está tão atrelada à vestimenta. Logo, para se compreender a expressão visual/sexual do grupo em questão, é necessário entender a imagem do indivíduo como uma estrutura complexa de seu registro interior sendo posto pra fora e sendo apresentado como ele se vê.

> *A moda e sua agenda veloz oferecem uma permanente negociação de novos estilos que não se restringem ao vestuário, mas criam um clima constituído pela gestualidade e forma do corpo, tom de voz, roupas, discurso, escolhas no campo do lazer, da comida, etc.* VILLAÇA (2007: 148)

Trata-se da adoção dos símbolos que a sociedade cria para diferenciar homens e mulheres e do uso deles como forma de aproximar-se da identidade desejada e fugir da condição que não é sua. Quando pensamos dessa forma podemos achar que essa divisão dos sexos apenas pela indumentária é frágil e seu rompimento não deveria causar espanto. Mas, a idéia da roupa como diferenciador de gêneros está tão absorvida pela sociedade que qualquer quebra no que se estabeleceu como figura masculina e feminina acaba gerando polêmica.

http://farelos.files.wordpress.com/2010/02/ma-educacao.jpg
http://4.bp.blogspot.com/_Q4VUlPI4t9w/S7aqBVrWsLI/AAAAAA
AAE30/RDjn-gNv_Us/s1600/crossdresser-beard.jpg
<acesso em: 14 mai. 2010.>

O importante, nesse artigo, não é entender como o travesti se veste do sexo oposto e sim entender por que ele usa a indumentária e o corpo como ferramentas para essa transformação. Poderíamos pensar na condição sexual como uma resultante do contexto social aliado ao biológico. Por isso, é tão importante que o indivíduo se cerque de características que garantam que a sociedade reconheça sua identidade a partir do visual que já possui para caracterizar a imagem que ele quer passar. A escolha da cor do batom, da altura do sapato, do comprimento da saia, do volume dos seios e o comprimento dos cabelos, são apenas a expressão visível de uma construção de gênero que é antes de tudo social.

O interesse pela figura do travesti em estudos acadêmicos, textos e artigos é recente e a análise da criação que ele faz de sua imagem pode ser interpretada a partir do diálogo que muitos autores, como João Braga e Gilles Lipovetsky, fazem com a construção do "eu" através da roupa. Ao atentar para o trabalho desses autores, compreendo que o travesti não usa suas roupas como fantasia, ele as utiliza por que é nelas que a sociedade introduziu a figura que ele assimila como representativa do sexo que ele acredita ser seu.

Palavras chave: travestilidade, indumentária, gênero.

Bibliografia

VILLAÇA, Nízia. *A Edição do Corpo: Tecnociência, Artes e Moda.* Rio de Janeiro: Estação das Letras, 2007.

LIPOVETSKY, Gilles. *Império do Efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BRAGA, João. *História da moda – uma narrativa.* São Paulo: Anhembi-Morumbi, 2008.

OLIVEIRA, Ana Claudia de; CASTILHO, Kathia. *Corpo E Moda: Por Uma Compreensão Do* Contemporâneo. São Paulo: Estação das Letras, 2008.

CASTILHO, Káthia. A moda do corpo o corpo da moda. In: *Do corpo à moda: excercício de uma prática estética*. São Paulo: Editora Esfera, 2002.

SANTOS, Jocélio Teles dos. "Incorrigíveis, afeminados, desenfreiados": Indumentária e travestismo na Bahia do século XIX. In: *Revista Antropologia*. Vol.40 n.2 São Paulo, 1997.

.